

TRIBUNA Livre

4
FEVEREIRO
1961

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

Almas Perdidas

Não há dúvida que os homens andaram sempre divididos: uns para a direita e outros para a esquerda; no meio de uns e outros os que não conhecem os limites da virtude e os que também deslizam até ao fundo na ladeira do crime.

São estes os absolutamente destituídos do temor de Deus, as almas perdidas, verdadeiros emissários do inferno.

O talento ajuda-os a desempenhar a sua missão diabólica.

A deformação e corrupção das sociedades permite a existência em maior ou menor quantidade destes exemplares detestáveis que se arvoram em verdadeiro escândalo. Escória das pátrias uma vez que se permite associarem-se por ligas internacionais, o mal que podem causar está à vista.

Quando são perigosos estes homens perdidos, já todo o mundo o sabia por velha sentença.

Se fosse dado descobrir o germen profundo destes abor-

tos sociais, haveria de concluir-se que na alma desses famigerados nunca penetrou uma centelha de luz e de respeito pelos valores eternos, ou são renegados.

A verdadeira formação de um cidadão começa no berço e ao colo das mães, quando elas sabem acender na alma dos filhos uma Luz que nunca mais se apaga pela vida fora. Ninguém medianamente atento aos problemas de ordem social deixa de reconhecer a crise de deformação moral que se vive por todos os meios postos ao paladar da juventude.

O simples Catecismo posto nas mãos das crianças, como arma defensiva contra as mil e uma formas de envenenamento das suas almas, é um triste remédio, se não se reatarem os laços da família e a educação das gerações futuras se não reconduzir àqueles seguros princípios que serviram de norma ao verdadeiro lar cris-

Continua na 4.ª página

Servir inconscientemente

O título em epigrafe, foi-nos sugerido pela leitura duma crónica internacional, onde o seu autor analisa e verbera o procedimento daqueles povos que alheados das circunstâncias particularmente difíceis do momento presente, parecem ter esquecido a noção do dever e o bom senso das oportunidades que sucessivamente se vão perdendo.

Defender a todo o transe o património moral da civilização ocidental, acudir à África onde foram ateadas as labaredas do comunismo ateu, sem a qual a Europa não poderá sobreviver, devia ser, na verdade, o objectivo primordial dos povos amantes da verdadeira liberdade e paz.

Porém, divergências básicas e tergiversações inadmissíveis, comprometem este desiderato, levando as nações responsáveis a servir inconscientemente os tenebrosos designios da Rússia Soviética...

O que se passou, há pouco tempo na O.N.U., a propósito dum pretenso colonialismo em relação a Portugal, cuja obra civilizadora se teima ignorar e o que se verifica na conjuntura presente à cerca do acto de banditismo e pirataria dos «apátridos» no paquete

Santa Maria, orgulho da nossa Marinha mercante, são a prova irrefutável deste «Servir inconscientemente».

Ora, o que acontece no grande mundo do «descoberto internacional», regista-se igualmente no mundo restrito da vida política e social dum pequeno concelho. Se no primeiro caso, a consequência tem sido uma abdicação constante em benefício da

(Continua na 4.ª página)

MISSA DE REQUIEM

(por António Maria Zorro)

Cá fora, na rua, em todas as ruas da cidade, os arduos vendem os jornais aos grupos que os rodeiam e há pessoas que passam, levando nas mãos pequenos aparelhos portáteis de rádio. Notícias do «Santa Maria»: Notícias do «Santa Maria»...

Poucas vezes um acontecimento impressionou tanto a opinião pública, poucas vezes se têm vendido tantos jornais, poucas vezes se têm escutado, com tamanho interesse, os

Há vinte e cinco anos que foi fundada a Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do nosso Concelho a mais prestigiosa instituição de quantas temos e aquela que mais altos



P.º Albino José Fernandes Alves
novo presidente da Direcção

serviços tem prestado à nossa lavoura. Orientada com firmeza, com um critério de honestidade e dedicação jamais ultrapassados, tornou-se de entre as suas congéneres conhecida como modelo de equilíbrio.

Enquanto na maior parte dos organismos a preocupação dominante é distribuir em ordenados o rendimento existente aqui houve sempre a preocupação de

engrandecer o património próprio e de tal maneira a orientação foi feliz que se tornou a primeira Caixa Agrícola do norte a construir a sua sede, um edifício de linhas harmoniosas e de bom efeito.

De assinalar que em 25 anos não houve um só caso em que qualquer dinheiro da Caixa tivessem estado em perigo, quanto mais que tenha perdido um só centava que fosse, isto a demonstrar uma linha de conduta sóbria, esclarecida e cautelosa, digna de todos os encómios.

O montante dos seus empréstimos atinge agora os 9 mil contos, quantia esclarecedora quanto aos benefícios que dimanam da sua acção, sem paralelo possível. É que enquanto noutros organismos a contribuição é obrigatória e por vezes os resultados são tão poucos e os dirigentes tão inertes, aqui tudo é facultativo e o benefício é imediato mas ainda se tem o consolo moral de saber que é de esforço e dedicação a



Paulo Barbosa de Macedo
Secretário, fundador e impulsor da obra notável realizada

administração que se encontra e com quem se trata.

A passagem do 25.º aniversário coincidiu com a eleição dos novos corpos

gerentes, acto concorrido e do qual saiu um elenco de real valor, do melhor que se poderia encontrar no concelho de entre os associados da Caixa Agrícola.

A assembleia Geral fica agora entregue ao sr. dr. José António de Sousa Fernandes, médico ilustre, proprietário agrícola e das Casas de Saúde de Amares e



Dr. José António de Sousa Fernandes
novo presidente da A. Geral

de Braga, figura de homem sério e de prestígio que gostosamente vemos em mais um lugar em que pode servir o seu concelho.

A Direcção terá na sua presidência o sr. Padre Albino José Fernandes Alves, Arcipreste do Concelho, presidente da Comissão de Assistência, figura de relevo no concelho e no Distrito, admirado pelas suas qualidades sacerdotais e pelo seu relevo social.

Dentro da direcção, continuando a obra de que foi fundador, fica a «alma mater» da organização, o seu orientador e servidor dedicado, o sr. Paulo Barbosa de Macedo.

De há muito saído da vulgaridade representa hoje um dos maiores (senão o maior) património do Concelho e ninguém contesta que é, de longe, o maior realizador das terras de Entre Homem e Cávado, tão acima da mediania e

Continua na 4.ª página

Continua na 5.ª página

TRIBUNA FEMININA

CONSELHOS ÚTEIS | Moda de Inverno

Como deve tratar as suas Serviaçais

O dono ou dona da casa chamam os seus serviaçais geralmente, pelo seu nome próprio. No entanto, se se trata de uma pessoa de certa idade, há muito tempo ao serviço da família, é frequente preceder o seu nome próprio de «senhora» ou «menina». Com efeito é natural que ela tivesse conhecido a sua patroa actual no tempo em que ela era ainda de colo ou muito novinha. As visitas devem portanto ter para com ela as mesmas atenções, continuando a tratá-la por «senhora Inácia» ou «menina Ana», se forem familiares da casa. Se a casa, fôr de cerimónia e a serviaçal pouco conhecida, esta deve ser só tratada por «senhora» ou «menina» sem se juntar nenhum nome próprio a esta designação. Mesmo no caso de a visita ser muito conhecida na casa, o tratamento deve ser de «senhora» ou «menina», acrescentando-se o nome próprio. O chamá-la só pelo nome próprio faz com que a pessoa dê a impressão de falta de cerimónia, agindo como se estivesse na sua casa. Há certas circunstâncias de intimidade grande, no entanto, que permitem um tratamento que exclua a «senhora» ou «menina», mas nesse caso nunca se deve tratar a serviaçal por tu; por exemplo: «A Maria faz-me favor traz-me ou diz-me isto ou aquilo?»; «A rosa sabe dizer-me... etc...».

Este tratamento é delicado, e não abusivo, mas só possível no caso de a família onde se está, e a própria serviaçal, serem muito conhecidas.

Se tem Hospedes Proceda assim:

Acontece a muitas pessoas darem hospitalidade a parentes ou amigos por alguns dias ou semanas. A presença de estranhos em casa implica certas obrigações de parte a parte. O convidado deve ocasionar o mínimo incómodo possível e os donos da casa acolher o hospede proporcionando-lhe o máximo conforto.

Frequentemente, o hospedeiro peca por excesso. Sem dúvida que o convidado não está num hotel em que tem toda a liberdade de agir a seu belo-prazer, mas não é também um «jovem pensionista». Certos donos de casa querem de tal maneira cuidar de tudo, assegurar uma estadia tão perfeita que as suas boas intenções chegam a incomodar. Se o convidado fôr delicado, não recusará o passeio, a visita às lojas, aos museus, a «matinée» de cinema, a parti-

da de cartas, a noite de teatro, etc. Nada se deve impôr; se o convidado quiser descansar, não quer dizer que se aborrece, e se lhe apetece sair não é necessário fazer-lhe companhia.

Por tudo isto convém, desde o primeiro dia, pô-lo à vontade e saber por vezes proceder como se ele não estivesse em casa; ele preferirá com certeza isto, a todos os programas minuciosamente organizados; e saber-se, ao fim de poucos dias, por conversa, o que lhe poderá dar maior prazer.

xxx

No inverno é muito importante conservar sempre quentes as mãos e os pés.

xxx

As roupas interiores devem sempre ser confeccionadas em cores pálidas, discretas.

xxx

Conhece a palha de arroz, que vulgarmente se deita fora?

Pois olhe se encher com ela os rolos de tapar as fendas das janelas, ficam mais leves e quando se molham secam rapidamente, o que não acontece se forem cheios com areia ou serradura.

Talvez lhe interesse saber que, se quiser um banho tónico e refrescante para a pele, basta juntar à água algumas cascas de limão.

xxx

Para fechar bem uma carta, basta untar a borda do sobrescrito com clara de ovo; não há mais probabilidade de deslocar-se.

xxx

Para dar brilho aos móveis, misturam-se duas partes de óleo de rícino com uma de vinagre, aplica-se com uma flanela e puxa-se o brilho com um pano. Esta mistura protege a conservação dos móveis e dá-lhes um brilho bastante duradouro.

xxx

As uvas combatem o paludismo.

Os pinhões são remédio seguro para muitas doenças da garganta.

O tomate é muito proveitoso para o fígado.

As laranjas actuam sobre os rins.

Os limões previnem as doenças cancerosas e também a febre tifoide.

xxx

Sabe que, para tirar da lou-

ça o cheiro do peixe ou dos ovos, basta deitar na água em que é lavada uma pequena pedra de carbonato de soda?

Aprenda a cuidar da roupa do seu Marido

Tenha um cuidado minucioso, com a roupa do seu marido. Disso depende em parte a sua felicidade conjugal... Não permita que o fato do seu esposo tenha nódoas, verifique que não falem botões. Não tolere que as mangas do casaco e dobras das calças estejam com mau aspecto. Vigie se as camisas estão bem lavadas e impecavelmente passadas a ferro, se as gravatas, estão em ordem. Cuide também do calçado, verificando se o mesmo necessita ser reparado, ou lustrado.

É bastante aconselhável, trazer a uso dois fatos, que se vestem alternadamente. Isso permitirá, passar-lhes revista e obter com que tenham maior duração.

Faça com que o seu marido ao chegar a casa à tarde, encontre um fato cómodo de usar (não um roupão, o que só deverá usar de manhã). Sentir-se-á mais à vontade... e o seu fato de trabalho também repousará...

O fato será primeiramente bem escovado e limpo de nódoas, pois quando são recentes saiem mais facilmente. A maior parte das vezes, para eliminar uma nódoa, basta um pouco de água morna e sabão; passa-se água limpa e seca-se a parte molhada com ferro, colocando sempre um pano entre o ferro e tecido.

Para tirar o lustro, estender bem as calças ou casaco na tábua e em seguida com uma escova molhada em água com amoníaco (1 parte de amoníaco para 5 partes d'água) escovar seguindo o fio do tecido. A seguir escovar com água limpa. Depois passar a ferro, colocando um pano seco em cima da peça. A gola do casaco, um local muito vulnerável, bem como os rebuços do mesmo, serão bem vistoriadas, pois quasi sempre apresentam nódoas e serão limpas com benzina. Coloque debaixo da nódoa um pano limpo e esfregue no sentido circular. Para retirar a lama, das dobras das calças, eis aqui um processo infalível: após ter escovado bem, humedecer as manchas com água à qual se juntou vinagre. Este mesmo tratamento pode ser aplicado ao vestuário de borracha, podendo empregar-se até vinagre puro ou álcool. O vinco da calça deve ser passado o maior número de vezes possíveis. Se lhe passar pelo avesso um pouco de parafina, durará muito mais. Passe o vinco das calças uti-

O Inverno fez-se preceder dum tal Outono que não pode deixar dúvidas quanto ao seu rigor. Portanto, quando começarem a fazer a lista de toilettes para usar devem ter em conta a elegância, evidentemente, mas também o conforto e o resguardo contra as intempéries.

Há algumas senhoras e raparigas, que embora normalmente se apresentem elegantes, acham-se dispensadas de certo requinte num dia de frio intenso, ou chuva em torrentes. Isto não está certo. O bom gosto não permite esta espécie de transigências. Bem, mas falemos propriamente da moda de Inverno. Uma moda inteligente, podemos chamar-lhe, porque concilia com o máximo efeito, o elegante, o prático e o confortável.

Os casacos compridos são de fazendas grossas ou felpudas, e todos os tons e fantasias são admitidos. No género de «tweed» há coisas maravilhosas. Continuam a usar-se soltos com golas grandes e botões de fantasia, de grande efeito.

As peles, este ano estão no seu apogeu. Usam-se para debrubar saias e casacos, em gorros como acessórios, etc.

Também o tricot continua a subir de cotação entre as pessoas de bom gosto. Assim, podem fazer-se guarnições, saias, vestidos, casacos e principalmente camisolas. As práticas e confortáveis camisolas de cores alegres, amplas de todos os feitios possíveis.

Os vestidos, destinados para as ocasiões de mais requinte, usam-se em leves tecidos de «mohair» em cores suaves e quase sempre de mangas curtas.

Um bom impermeável, é uma exigência da moda actual. Há lindos modelos a preços que não são exorbitantes. E no capítulo de guarda-chuvas também se encontram coisas bonitas, e muito fora do vulgar (da-

lizando um ferro bem quente aplicado sobre um pano húmido. Colocar a calça no cabide e deixá-la ao ar, antes de guardar, verificando que não tenha nada nos bolsos.

Uma vez por ano, mande limpar o fato a uma tintureira de confiança.

As gravatas devem ser passadas do lado do avesso, tendo-as previamente descozido. Utilize um pano húmido e depois torne a armar a gravata tal como estava, ficará como nova.

queles vulgares e horrendos guarda-chuvas a que estávamos habituadas).

Acho bem que falemos agora de sapatos. São a pedra de toque duma toilette e o ponto mais sensível, no tempo de Inverno. Para sair a compras, de manhã, podem usar-se modelos desportivos de borracha e pele e se não gostarem deste género encontrarão modelos fechados, com salto de sola que são bem elegantes. E depois há aqueles estu- pendos sapatos de verniz ou cabedal, com bicos enormes e saltos altíssimos que representam um bom papel na silhueta feminina.

Para raparigas têm aparecido meias de fantasia em mousse que são realmente aconselháveis para usar com um fato ligeiro.

Usam-se este ano carteiros grandes, mais compridas que largas, com uma só asa e fecho de metal.

Não lhes falei ainda em modelos de saias para usarem com aquelas camisolas de tricot a que já me referi. Ficam muito bem em panos envezados ou franzidos; com pregas fundas, pespontos, grandes bolsos, etc.

Quanto a acessórios, que há de novo? Usam-se ainda, mas em menos quantidade que o ano passado, os gorros de mohair ou lã grossa; écharpes de «mahair» xadrez ou em cores suaves de nylon muito fino e ainda a condizer com os tecidos dos casacos ou das saias. E os modelos de luvas que tenho visto à venda são bem bonitos. Com uma toilette desportiva, um saco de couro ou pele, ou ambos os materiais combinados, substitui com vantagem qualquer carteira.

Como vêem não há uma tendência definida na moda deste ano. Os limites são largos e permitem muitas variantes, subordinadas ao gosto, às necessidades sociais e à economia de cada uma.

TRIBUNA LIVRE

Vende-se em Lisboa na INCREMENTUM - Rua Santa Marta, 58-3.º onde também se recebem assinaturas e publicidade

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

TRIBUNA do CONCELHO

Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal
Correspondência
Ofícios

Da Regente do Posto Escolar de Paredes Secas, pedindo o fornecimento de 5 carteiras escolares e a colocação de 5 vidros nas janelas e informando que naquele posto não existem instalações sanitárias.

Do Hospital de São Marcos, Braga, comunicando o internamento do doente José Lopes da Rocha, da freguesia de Lago.

Do Hospital de São João, Porto, remetendo a factura da importância de 20\$00 referente ao tratamento de doentes nas consultas externas durante o 2.º trimestre do ano findo.

Da Junta de Freguesia de Barreiros, informando que se torna necessário a construção de um aqueduto no caminho que parte do Largo onde se encontra a Escola daquela freguesia ao lugar de Rio Tinto da freguesia de Rendufe, obra esta orçada em 4.500\$00 participando aquela Junta a referida obra com 1.500\$00.

Da Junta de freguesia de Sequeiros, informando que os telhados da escola mista daquela freguesia, o muro de suporte e umas escadas de acesso da mesma escola necessitam de ser reparados e que as instalações sanitárias necessitam de ser ampliadas.

Da Junta de freguesia de Dornelas, informando que os caminhos públicos daquela freguesia que mais necessitam de ser reparados são os seguintes: o caminho público que vai do Fastio ao do da Pedra, o que vai do lugar de Bardadães ao da Batoca e o do lugar do Carvalho numa extensão total de 1.400m.

Da Automática Eléctrica Portuguesa, Lisboa, informando que aquela firma se encontra apta a fornecer equipamento para sinalização de trânsito.

Da Maternidade de Júlio Dinis, Porto, pedindo a liquidação da factura da importância de 88\$80 respeitante ao 3.º trimestre do ano de 1955.

Do Hospital Geral de Santo António, Porto, desejando saber se a doente Laurinda Soares, carece de ser internada naquele Hospital.

Do Gerente da Costel, Seixal, informando que aquela firma dispõe de máquinas próprias para terraplanagens da acreditada marca «Caterpillar».

Do Engenheiro Chefe da Secção de Participações da Direcção Geral dos Serviços Eléctricos, pedindo o envio de um requerimento dirigido ao Director Geral daquela Direcção, pedindo a licença de estabelecimento da obra remodelação e ampliação da rede de distribuição da energia eléctrica da freguesia de Dornelas e electrificação parcial da freguesia de Goães, a fim daqueles Serviços poderem organizar devidamente o processo de licenciamento da obra em referência.

Do Gerente da Undel, Braga, informando que actualmente não têm aquela firma cotação para os contadores eléctricos pretendidos por esta Câmara.

Da Confraria de Nossa Senhora da Abadia, Bouro, pedindo para esta Câmara empregar os seus bons ofícios, junto das autoridades competentes, a fim de serem concedidas as participações pedidas por aquela Confraria para a reparação da estrada que vai do lugar do Terreiro da Freguesia de Bouro ao Santuário de Nossa Senhora da Abadia.

Do Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, Lisboa, informando que foram considerados com interesse para o turismo os seguintes estabelecimentos: Amareis-Cafes: Café Amarensense; Caldelas-Hoteis: Grande Hotel da Bela Vista, Hotel de Caldelas, Hotel das Termas; Pensões: Pensão Casa de Paços, Pensão Central, Pensão Continental Machado, Pensão da Corredoura, Pensão Ideal, Pensão Nascimento, Pensão Universal, Pensão Familiar da Torre; Hospedarias: Hospedaria das Caldas, hospedaria Vila Feitosa; Cafés; Café-Bar Central; Café Bar Fernandes.

Circulares

Do Governo Civil do Distrito de Braga, transcrevendo a circular n.º 1/61, P.º Z-1/27, L.º 27-A, 2.ª Repartição, da Direcção Geral de Administração Política e Civil, informando que foi apreendida a licença de condução de velocípede n.º 609, concedida pela Câmara Municipal de Lourinhã a Joaquim Duarte Martins, em virtude do mesmo não ter comparecido ao exame psicotécnico para que foi convocado pelo Intituto de Orientação Profissional.

(Continua no próximo número)

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — Snr. António dos Santos Freitas.

Dia 8 — As Senhoras Fernanda Celina Gonçalves Macedo, Ilda da Costa Dias e o Senhor Felisberto Barbosa de Macedo.

Dia 9 — o Snr. Joaquim Barbosa de Macedo.

Dia 10 — As Senhoras Rosa Brandão Pinheiro e Ester Brandão Pinheiro.

* * *

Passa hoje o seu aniversário natalício o nosso presado assinante, Senhor Manuel de Araújo, de Figueiredo negociante de gado.

Por tão faustosa data Tribuna Livre faz votos para que esta se prolongue por muitos anos.

É OU NÃO É

uma questão pessoal

Continuação da 6.ª página)

duto em que o mundo moderno nos deseja encurralar!

...xxx...

É de combater e refreiar essa lógica do erro e da má vontade! O homem que não acredita em Deus desce às profundezas do sarcasmo. Vejamos:

— Não acredita em Deus... mas crê nas «figas» e nas ferraduras pregadas nas portas...

— Não tem fé em Deus... mas guarda cuidadosamente um «alho-porro» e teme o uivar de um cão cheio de fome e frio ou de dores...

— Repudia a prática do catolicismo, não sustenta uma insígnia religiosa... mas teme e respeita a roupa do avêss, passar sob umas escadas, enguiçar uma pessoa, ou mesmo uma cadeira de pernas para o ar...

Já o nosso escritor Eça de Queirós assim era. Sempre sarcástico em matéria religiosa, acabava por tremer de medo perante umas mangas do casaco voltadas do avêssol...

Não fique dúvida, quem não aceita a verdade cristã... acaba por cair no dogmatismo espírita ou até no ridículo de bruxarias!

É pois muito certo que a Religião é uma questão pessoal, à qual ninguém deve fugir. A ela nos dediquemos, para a viver sempre com denodo e de coração limpo.

BOURO

O motivo de tanta demora

A falta de vagar tem-me inibido de trazer às colunas deste semanário, as crónicas que, durante muito tempo, foram assíduas aos nossos briosos leitores. Se é esta a minha desculpa de sempre, é também um facto que corresponde à verdade e, portanto, justifica bem a minha ausência nas notícias para todos os meus conterrâneos, que longe do torrão que lhe serve de berço, as esperam com ansiedade. É certo que não há factos de elevada importância a registar, mas apenas, uns acontecimentos vulgares, tais como: nascem uns, morrem outros, casam-se alguns e, nesta sequência de coisas, como não podia deixar de ser, há outros que ficam viúvos.

Não posso, embora contrário à minha vontade, prometer uma assiduidade nas notícias, no entanto, prometo um esforço máximo da minha parte, para evitar tanto tempo de ausência.

A feira de gado em Bouro

A Junta de freguesia, em colaboração com o Comércio local e verificando a conveniência de que beneficia a Agricultura Regional, em transaccionar os seus gados sem ter de vencer enormes distâncias, informa o Ex.º público que a Feira de gado nesta localidade, passa a realizar-se quinzenalmente, às Sextas feiras, anterior a Feira de Covas.

Esta iniciativa em nada vai prejudicar a Feira habitual, que continua a realizar-se semanalmente, todas as Sextas, feiras. O motivo desta alteração, é consequente duma prolongada conferência entre a junta de freguesia, o Comércio e um elevado número de Negociantes de Gado de maior reputação do Mercado, que nos garantiram a sua frequência nas Feiras. Após uma demorada troca de opiniões, chegou-se à conclusão que a Feira de Gado devia realizar-se com intervalos de 15 dias, tendo já início no dia 3 do corrente.

Aproveitamos este meio, para lembrar aos senhores lavradores

desta região, a grande conveniência que têm em transaccionar os seus gados na Feira de Bouro, onde está garantida, como já deixamos dito, a presença dos Negociantes de maior reputação. Esforçamo-nos para elevar, em grande escala, o movimento do mercado e isto acarreta aos senhores lavradores o benefício de venderem com mais facilidade os seus artigos, nomeadamente o pão e o vinho.

Esperamos que todos correspondam ao nosso apelo, pois só assim será possível a imponentia do mercado.

Divertimentos de mau gosto

Aproxima-se a festa do Carnaval e com ela a péssima tradição das bombas carnavalescas. Na altura em que escrevemos, estamos os ainda a 15 dias da festa, mas já se ouvem de quando em quando, o deflagrar das encomodas bombas. A considerar-mos este divertimento próprio do Carnaval, não podemos abdicar que são brincadeiras estúpidas e detestáveis pelas pessoas de bom senso, tanto mais que a Imprensa diária nos relata, constantemente, as piores consequências das bombas.

Se envolvido nestas brincadeiras fossem apenas crianças, fácil seria repreender, mas não; infelizmente, vemos também os adultos! aqueles «engraçados», que julgam cometer um «acto cómico» ao lançar «a queima roupa», uma bomba ao transeunte desprevendo.

A festa do Carnaval, quase sempre nos deixa as piores recordações. Foi, salvo erro, há dois anos, que essas bombas — chamam-lhe os «engraçados» inofensivas-originaram ferimentos em duas pessoas uma das quais no rosto, que bem podia ter-lhe atingido a vista. Chamam-se a isto brincadeiras admissíveis? Respondam os «engraçados»? Devia pôr-se cobro a tal abuso e, oxalá, que as autoridades a isso se disponham, para o qual oferecemos a nossa colaboração.

A. Fernandes



COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO', SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

FUNDADA EM 1835

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À MODELAR

Telefone 62113

Amores

A Caixa de Crédito Agrícola elegeu os seus novos corpos gerentes e festejou o seu 25.º aniversário

Continuação da 1.ª página

tão possuído de honestidade de actos e intenções que por mais ardis que as nulidades lhe tentem deitar a sociedade o compreende e o considera como a figura de que o concelho não poderia abdicar sem cair imediatamente num morasmo intolerante.

Além deste o novo elenco inclui noutros lugares de menor responsabilidade pessoas da maior representação social entre os quais essa figura nobre de sentimentos e de acção que é o sr. dr. Eduardo Gonçalves, o presidente da Câmara de que o Concelho precisava.

Durante a Assembleia foi lido o relatório da direcção do qual extraímos as seguintes passagens:

«Um quarto de seculo completou a nossa Caixa e é com justificado orgulho que neste dia celebramos as suas «Bodas de Prata».

Orgulho porque nestes vinte e cinco anos erguemos bem alto o nome do Credito Agrícola Mutuo; orgulho porque fomos a primeira Caixa no Norte do Paiz a construir e condignamente a sua Sede propria, cujo custo é tido economicamente como um milagre; orgulho porque conforme consta das suas ultimas actas da inspecção foi con-

sideravelmente rapido o desenvolvimento desta Caixa, e é um simples dever de justiça iniciarmos o nosso parecer, diz a Inspecção, com algumas palavras de louvor à acção desenvolvida por este organismo — uma acção verdadeiramente meritória e que podemos considerar exemplo digno de ser seguido em especial a maneira prudente e parcimoniosa como tem sido administrados os dinheiros desta Caixa, o que possibilitou a construção do edificio sede.

Este rápido desenvolvimento, boa administração e a construção da Sede, são frutos dum aturado trabalho, e dum verdadeiro carinho e amor à Instituição.

Orgulho porque nestes vinte e cinco anos se salvaram muitas casas agricolas arrebatando-as da usura e muitas outras puderam consolidar-se e engrandecer-se.

Para avaliar dos beneficios espalhados, basta dizer que nesse período se concederam empréstimos no montante de cerca de 87.500 contos, e que os juros cobrados foram 4.292.800.00, que se receberam cerca de 18 mil contos de depositos e que se pagaram 521.000.00 de juros e esses depositantes.

Porque no inicio da Caixa se remiram hipotecas que auferiam juros de 20%,

se poupou à lavoura cerca de 4.000 contos. Quantos louvores a Salazar e ao Governo estas paredes têm ouvido da lavoura associada, pelos beneficios recebidos.

Atingiu neste exercicio a soma dos empréstimos em vigor a casa dos 9.000.000.00 (nove milhões de escudos) e 1.500 contos a dos depositos e nunca conseguimos como neste ano um saldo de gerência tão avultado — 65.353\$60. Nunca porem como agora a Caixa foi tão util e necessária à região, pois a lavoura está a braços com um ano agrícola muito mau, devido a um aturado inverno que inutilizou parte das colheitas e quasi todos os pensos para o gado.

Está pois a Direcção, conscia do seu dever, a tomar todas as providências para poder atender a todos, não obstante a falta de credito social da Caixa, e de forma que, nesta hora grave, não falte a necessária assistência à Lavoura.

Pelos mapas que compõem o relatório V. Ex.cias poderão apreciar o movimento de Caixa neste exercicio.

Para uma apreciação immediata transcrevemos o Balanço referente a 31 de Dezembro que apresentava a seguinte posição.»

ACTIVO	PASSIVO
Móveis e Utensílios 20.000\$00	Fundo Social 239.523\$60
Sede Social 100.000\$00	Débito à C. N. de Crédito 7.347.090\$00
Depósito na C. Económica . . 47.865\$10	Depósitos à Ordem 59.262\$50
Associados — cotas em dívida . 516\$00	« a prazo 1.480.370\$00
Empréstimos concedidos e em	Juiz de depósitos a pagar . . 10 089\$00
vigor 8.968.470\$00	« Cotização 516\$00
9.136.851\$10	9.136.851\$10

Feita a eleição e como é da fraxe neste organismo foi logo conferido a posse. Ao acto presidiu o sr. João Barbosa de Macedo, presidente da Assembleia Geral, sendo os seguintes os eleitos:

Assembleia Geral

Presidente — Dr. José António de Sousa Fernandes **Vogal** — José dos Santos Menezes — José António Dias.

Directores Efectivos

Presidente — P.º Albino José Fernandes Alves. **Secretário** — Paulo Barbosa de Macedo. **Tesoureiro** — José Joaquim da Costa Azevedo.

Directores Substitutos

Dr. Eduardo Gonçalves, Januário da Silva Barros, Domingos José Antunes de Araújo.

Conselho Fiscal

António Cândido Vieira de Castro, Domingos da Rocha, António José da Costa.

No final usou da palavra o sr. João Barbosa de Macedo, que se congratulou com a chamada para os corpos directivos dos novos empossados especialmente srs. Padre Albino José Fernandes Alves, Arcipreste do Concelho e dr. José António de Sousa Fernandes de quem fez o elogio.

Quanto ao sr. Arcipreste referiu-se às suas altas qualidades de sacerdote digno, respeitado e admirado, possuidor de uma grande cultura, orador bem conhecido, a quem a Igreja deve uma acção disciplinadora e de protecção à classe bem evidente. No aspecto social referiu-se ao seu espirito nacionalista, ao prestígio que o tornou bem conhecido, ao seu trabalho em favor dos necessitados.

Seguidamente dirigiu-se ao sr. dr. José António de Sousa Fernandes de quem traçou o perfil de homem sério, católico devotado, chefe de família exemplar e profissional distinto, exal-

tando o seu espirito de bem servir o concelho sempre que são solicitados os seus serviços.

Ambos os empossados agradeceram para acentuar a satisfação que lhes traz o pertencerem a este organismo que tão altos serviços tem prestado, louvaram a clareza do relatório da direcção e a situação financeira da Caixa e fizeram o elogio do sr. Paulo Barbosa de Macedo, fundador e obreiro principal do engrandecimento desta magnífica instituição e referiram-se à acção notável do mesmo nas diferentes instituições e no Município, acção a que o Concelho muito deve.

Os oradores foram muito aplaudidos pela assistência e os empossados felicitados pelos seus novos cargos.

Leia, Assine

Publique

«Tribuna Livre»

Servir inconscientemente

Continuação da 1.ª página)

Rússia e seus satélites, no segundo, ninguém de boa fé pode ignorar os prejuizos a que pode levar uma politica estéril de mando despótico e sem respeito pela personalidade alheia e até o escárneo da intelligencia dos outros.

Assim, há quem dócilmente e para retribuir um favor que não está dentro das premissas da prova faça o jogo duma famigerada hipocrisia!...

Há quem, num servilismo sabujo, característico de quem se despiu de sentimentos de nobreza e carácter, ponha a circular as atoardas e trapaças, dum terceiro, que só vive da confusão e da amálgama dum amontuado de mentiras que servem seus designios e indifferente e impassível perante a objectividade dos factos!...

Há quem, para saldar uma protecção que só existiu nos lábios, suporte ingênua mente o fardo dum «Orgulho» que tão dispendioso lhe fica!...

Há quem, depois de ter servido de bombo de comédia, num acto de má administração, venha agora acorrentado acudir... e sangrar de compaixão pela misericórdia — dos

que nela fizeram o mal e a caramunha — !... Mas que falta de memória, há nessas cabeças onde não parece existir massa encefálica...

...! Se pelos menos cuidassem da lavoura e dos respectivos organismos!...

Há quem se esqueça dos princípios que nobilitam, para numa vil traição emparceirar com quem se oculta numa capa irónicamente honesta, por que cheia de nódoas da vingança e que nunca sabe — este estribilho — e contudo sabe e sabia porque foi quem elaborou o tenebroso plano e deu ordens para executar.

Há quem se utilize duma posição que julga intangível para lançar a anarquia e a confusão na sua terra, entravando a marcha normal do seu progresso, outrora tolhido de movimentos porque o — Eu despótico e tirano, — nada deixava fazer!...

Assim, repetimos, há quem sirva consciente ou inconscientemente, os planos paradoxais de quem é capaz de todas as alianças e metamorfoses deixem que possam vingar os seus vãos objectivos, ainda que seja preciso denegrir, apoucar e relegar a verdade.

a) P.S.

Almas Perdidas

(Continuação da 1.ª página)

tão, tão seriamente ameaçado pelas concepções moderosas.

Um mundo de aventuras, semeadas aos quatro ventos, nas cidades e nos campos, ainda com peor efeito, que uma massa muitas vezes ignóbil mal sabe distinguir a verdade do erro, e a realidade da fantasia, pode levar todo este estado de coisas a um mal sem cura — desconcerto que só a mãe de Deus poderá reparar, mas então pelos meios drásticos que os homens incorrem na sua tremenda justiça.

Tem-se assistido, em pleno século vinte ao desenrolar da mais estupenda facunha de homens perdidos; obra de um punhado de famigerados que não conhecem Deus, nem pátria, nem família; e o que é mais triste é receberem de algures os seus aplausos.

Frutos podres de um sistema de liberdades incondicionais que má hora começaram a teimar impor-se, estes aventureiros já não conhecem o meio

termo que não seja o do completo retrocesso ao tempo da barbárie.

Caiu-lhes da frente a casca ra. Disfarçados com pele de cordeiros, estes hiróis de intonatas políticas, sabe-se quanto lutaram para se apoderarem do mando.

Já pode fazer-se uma pequena ideia aonde iria parar nas mãos de tão desastrados timoneiros a nau do Estado, e com ela a própria barca.

Noutros tempos, os homens como que viveram despreocupados das lides políticas certos de que, como obreiros da Greopodiam descansar em pastores resolutos e vigilantes o rumo de seus destinos.

Hoje, nenhum homem capaz pode alhear-se do magno problema do Futuro que o espera. A experiência mostra que também a canalha das ruas e os criminosos das alfurjas têm os seus candilhos com galões e estrelas doiradas que não hesitam em arremessar à lanteira para se enquadrarem com bandos de malfeteiros.

PÊLOS

Destuição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Antigo Padroado de Rendufe

quarenta em contrário. Do que pagou de novos direitos trinta reis, que se carregarão ao Thesoureiro delles, a folhas quinhentas cincoenta e oito verso do Livro terceiro de sua receita, e se registou o conhecimento em forma no Livro trinta e tres do Registo geral a folhas trezentas sessenta e cinco. A Rainha Nossa Senhora mandou pellos menistros abaixo assignado; do seo conselho e seos Desembargadores do Paço — José Joaquim Curvo Semmedo a fez em Lisboa a treze de Agosto de mil setecentos setenta e oito annos. Desta oitocentos reis, e de assignar mil seiscentos reis. Gonçallo José da Costa Sotto Maior a fez escrever — Bartholomeu José Nunes Cardoso Giraldes — José Ricalde Pereira de Castro — Por despacho do Desembargador do Paço de onze de Agosto de... — António José de Affonseca Lemos — Pagou trinta reis, e aos officiaes novecentos e oitenta reis. Lisboa vinte de Agosto... — Dom Sebastião Maldonado.

Copia — Senhora. diz Frey António da Ressurreição Dom Abade do Mosteiro de Santo André de Rendufe... que por terem duvidas entre outros benefícios unidos *in perpetuum* do dito Mosteiro, como he o da igreja de São Pedro de Codeceda, sita... cujos limites já foram demarcados e tombados, porém se tem confundido, e já resultarão duvidas por causa dos annos decorridos, e abolição dos marcos, e mudança das situaçoens, as quaes para melhor se poderem evitar do que ao futuro, Requeiro a Vossa Magestade o Mestre Frey Alexandre de Santo Thomaz sendo Dom Abade do dito Mosteiro, Provizão para se fazer huma verdadeira e legitima demarcação entre a dita freguesia e confinantes, com citação dos circumvizinhos, formando-se authos... e que da mesma forma se pratique com os casaes das freguesias de Santa Maria de Oriz e São Miguel de Oriz no concelho de Regalados e nos mais que pertencenssem ao ditto Mosteiro... para o que foi servida Sua Mag. mandar passar Provizão para o Doutor José de Mello Coutinho Garrido Corregedor que então era desta comarca de Vianna; e porque este se acha absente (ausente) da dita comarca em distancia de mais de trinta leigos por ter findo a dita occupação... por isso — Pede... para o Doutor José António da Mota Gomes Juiz de Fora que foi da villa de Monção, e presentemente acabou de ser na villa de Barcellos, que se acha com residencia corrente... para este effectuar e concluir... com o Escrivão que já se achava nomeado pelo ser do judicial, e em quem concorrem os requisitos. E receberia mercê. **Despacho** — Cumpra-se, e por virtude da mesma me prenúncio por Juiz do Tombo, de que se trata, e para escrivão dele nomeio a Domingos da Costa e Almeida por ser pessoa apta, e de confidencia; o qual comparecerá perante mim, para lhe deferir o juramento, e autoado seguirá os termos — Mota Gomes.

Termo do juramento dado ao Escrivão deste Tombo - Aos vinte oitto dias de mez de Janeiro do anno... neste lugar da Cova que he da freguesia de Santo André de Rendufe, termo do concelho de Entre-Homem e Cávado e casa de morada do Doutor José António da Motta Gomes opositor aos Lugares de Letras de S.M. que Deos guarde, e pela mesma Senhora nomeado Juiz do Tombo de que reza o requerimento inserto na Provizão, feito pelo Reverendo Dom Abade... onde eu fui vindo por mandado delle Doutor Juiz, para effecto de receber o juramento dos Santos Evangelhos... e sendo-me por elle Juiz deferido o dito juramento em humas «Horas» que contem os Santos Evangelhos, em que pus a minha mão direita, debaixo delle me encarregou, e prometi guardar por serviço de Deos, e de El-Rei Nosso Senhor, o direito e justiça das partes, e o segredo da mesma justiça, e de tudo mandou fazer este termo, que assigno comigo, e eu Domingos da Costa e Almeida... o escrevi (aa) do Escrivão e do Juiz. **Concluso** ao Doutor Juiz do Tombo -- Citem-se todas as pessoas confinantes, e confrontantes com a freguesia, e casaes que se pretendem atambar, o seo reverendo Parocho para no dia que se lhe assignar, se acharem presentes no lugar de suas situaçoens, como para declarar quem o apresenta e os dizi-mos e primicias que na dita freguesia se costumão pagar, vindo ou mandando seos procuradores, como também todos os absentes, com o termo de tres nove dias, para que dentro delles venhão allegar seo direito, para o que lhe hei por assignados todos os dias não feriados para as audiências delle no sitio onde me achar, e para porteiro delle a Bento José Rodrigues, que virá para se lhe deferir juramento. Quinta da Cova, vinte oitto de Janeiro... **Termo da publicação** — Aos vinte nove... em a Quinta da Cova e casas de morada do Doutor... foi publicado o despacho retro, que mandou se cumpri-se e

* As reticências evitam escusadas repetições.

(Continua no próximo número)

MISSA DE REQUIEM

(Continuação da 1.ª página)

formado em navio pirata e cenário do crime de traição à Pátria.

Isto, cá fora, no formigueiro apressado que passa pelas ruas da cidade. Lá dentro, na Igreja, à branda luz dos círios, o padre acaba de proferir as últimas orações da missa dos mortos e os seus paramentos negro-e-oiro desaparecem por detrás do reposteiro escarlata da sacristia. Missa dos mortos, missa de Requiem por alma de um português assassinado a bordo do «Santa Maria».

É então que os fiéis se levantam. Havia-os ajoelhados nos genuflexórios de transepto, hierarquicamente distribuídos, como os havia, sem qualquer distinção, no lagedo da entrada. É então que os fiéis se levantam, se olham, se reconhecem e se identificam: — todos eles, quase todos eles, os mais novos e os mais velhos, os que toda a gente sabe quem são e aqueles cujos nomes ninguém conhece todos eles foram amigos de João José do Nascimento Costas, todos eles o viram, nos pátios do Liceu do Passos Manuel ou nos acampamentos da Quinta da Marinha, impecável no aprumo, inexcedível no esforço, irradiante na saudável simpatia de um carácter sem mácula; todos se reuniram ali, naquela missa de Requiem por alma de um rapaz de vinte e cinco annos, que perante a metáphora de um bandido soube dizer — Não:

x x x

É difícil dizer «Não», quando se tem vinte e cinco annos e se espera de um momento para outro — num porto do Brasil ou da Venezuela, da Guiana ou da Flórida — a carta com a notícia de que nasceu o fruto do nosso amor e com o retrato do nosso primeiro filho. É difícil dizer «Não» quando se é um vulgar 3.º piloto escalado para o quarto de bordo da madrugada e no torpor dormente da noite tropical nos assalta, de súbito, um bando de capangas e de pistoleiros. Seria fácil, seria até legítimo render-se, erguendo os braços, embora rilhando os lábios na dolorosa angústia dos heróis frustrados. Mas não seria digno de um rapaz de vinte e cinco annos, que fora comandante de falange da Mocidade Portuguesa e que, numa tarde de Abril de 1956, ficara a saber como se vai até ao fim no cumprimento do dever; aprendera-o, nessa tarde de Abril, quando bandoleiros indianos assassinaram um outro comandante de falange da

Mocidade — o José Júlio Maciel Chaves.

x x x

É certo que o culto da Honra e do Dever, e espírito do Serviço e de sacrifício, a inteireza moral, a rectidão de atitudes, o destemor, o saber sorrir ao perigo e à morte não são apanágio de nenhum povo, de nenhum regime, de nenhuma instituição. O que fez este terceiro piloto do «Santa Maria» — português por alma e sangue, marítimo por vocação, comandante de falange por voluntária e entusiástica adesão a determinado tipo de idealismo — qualquer outro faria, com outra nacionalida-

de, outra vocação, outro idealismo. Mas este era assim. E por ter sido assim, por ter sido ele e não outro, o título de honra nobilíssimo que foi a sua morte não pertence apenas aos pais, à viúva e a essa infeliz menina que os assassinos do Santa Maria tornaram orfã logo no começo da vida. Esse título de honra pertence também à Nação onde nasceu, à Marinha onde serviu, ao movimento juvenil onde se formou e onde aprendeu a dizer *Não* ao Crime. Esse título de honra é, como exemplo, a única coisa que o mundo ganhou com o vergonhoso acto de pirataria cometido no Mar das Antilhas.

Carta de Ruivães

(Continuação da 6.ª página)

darem do letargo em que têm caído.

O comunismo está a desenvolver, presentemente, um plano diabólico que não sabemos para onde nos arrastará.

Atente-se no que se vem passando no Congo.

Lumumba, que parecia um homem queimado, aparece agora com um exército organizado a impô-lo como homem de governo.

São os seus adeptos e corelegionários os únicos componentes desse exército?

Não: O seu mais sólido esteio está na China e na Rússia.

Quem está a dar força a Fidel de Castro em Cuba, senão o comunismo Moscovita, que está armado e enchendo de dinheiro as ordas de Fidel de Castro?

A resposta a esta pergunta não exige grande esforço de inteligência. Quem organizou e planeou o assalto à mão armada ao nosso vapor Santa Maria?

Seria este concebido e encutado pelo trio Humberto — Galvão — Baio? Não. Por detrás de todo este criminoso elenco está sempre a mão satânica de Kremelín, que não desiste de mandar, de amesquinhar, de provocar.

Essa associação de malfeitores, parece dar largas á sua ambição sem limites, e em obediência ao anti-cristo Russo, não hesitou em assassinar e ferir a tiro homens de bem, que, no cumprimento de um dever sacratíssimo, se negaram a vender um pedaço da Pátria, ou seja o nosso paquete Santa Maria, onde iam numerosas mulheres e crianças.

O que irão eles fazer á sua tripulação e ao próprio barco?

Quem os subsidiou? Quem lhes forneceu as armas? Quem há-de procurar por todos os meios dar-lhes fuga?

O sentimento patriótico reverve de indignação e, infeliz-

mente, o que fazem os governos das grandes nações, em face de um caso de pirataria bem caracterizado?

Limitam-se a tratar com o pirata mas, como se este fosse uma pessoa sem mácula.

O homem do sapato russo libertou 2 aviadores Norte-Americanos, para fazer o rapa-pé ao novo presidente Kennedy e conquistar as suas boas graças.

Engana-se este. Há-de levar com os pratos na cara como levou o apóstolo da paz, Heisenower.

Os occidentais têm de fazer a guerra como os seus adversários e com as mesmas armas.

De que valem ameaçarem com beijinhos doces os bandidos que lhes metem á cara um bocamarte?

A febre da última guerra ainda não restituiu a humanidade ao exercício pleno da sua inteligência. Estaremos a caminhar para a loucura colectiva?

Se assim é acabem com as bombas nucliares, que são perigosas de mais.

Podem, em poucos momentos, exterminar uma grande parte da humanidade, e, o que é pior, assassinar o que nenhuma culpa têm nesta subversão dos mais elementares princípios de justiça e da liberdade.

Tudo o que se está passando é digno de lástima e asqueroso.

O Portugal pequenino, mas brioso, aliado á Espanha e Brasil, na defesa do cristianismo e da civilização europeia, há-de mostrar ao Mundo que não é a força bruta que pesa, mas sim a da razão que triunfa. Que os bons, os sinceros saibam cerrar fileiras em volta de Salazar e o roubo que pretendem fazer-nos ver se consumará, tenho essa fé.

Oxalá assim suceda.

Amadeu César

LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

Tribuna de Vieira do Minho

Conferência proferida pela Ex.ma Senhora D. Maria Irene Faria do Vale, subordinada ao tema
como educar e adaptar à vida os pequenos

A convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, a distinta professora e publicista Senhora D. Maria Irene Faria do Vale fez, no Clube Fenianos Portuenses, uma conferência notável, a todos os títulos interessante com o tema «COMO EDUCAR e ADAPTAR à VIDA os PEQUENINOS».

A esta conferência que teve avultado e interessado público, presidiu o Sr. Dr. António Emílio de Magalhães, Director da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, que convidou para a mesa de honra o Rev. m.º Dr. Alexandrino Brochado, representante do Senhor Bispo do Porto e as Senhoras D. Isaura Correia Santos, D. Ludovina Frias de Matos, D. Maria da Luz Oliveira, D. Géia Braga da Costa Veiga, Prof. José Alberto de Carvalho, Delegado Escolar de Vila Nova de Gaia, Dr. M. Queiroz de Faria, Elias Coelho, representante do Instituto de Cegos de S. Manuel, Celestino da Mota Mesquita e João Silva, representante do Clube Fenianos Portuenses.

Antes de conceder a palavra à ilustre conferencista, de quem fez a apresentação nos mais encomiásticos termos, o Sr. Dr. António Emílio de Magalhães fez a assembleia conhecedora do falecimento do grande amigo da Liga de Profilaxia, Doutor Mário Moutinho. Reverenciando a sua memória, pediu meio minuto de silêncio, que os presentes aguardaram, de pé, em recolhimento profundo e respeitoso. Começou a Senhora D. Maria Irene Faria do Vale por

dizer que só poderemos edificar um mundo melhor quando nos voltarmos devidamente para a formação física, mental, moral e social do ser humano, principalmente quando criança.

Há, portanto, uma necessidade imperiosa de elucidar os pais e professores sobre a maneira de educar e adaptar à vida os pequeninos, a fim de se evitarem erros cometidos inconscientemente e, por vezes, na melhor das intenções, mas que podem prejudicar muito a formação do carácter do futuro homem.

O bom entendimento dos esposos é pedra basilar na formação integral dos filhos. Todos os pais deveriam conhecer as consequências funestas na educação da criança, motivadas por desinteligências conjugais ou por separações, a fim de as evitar na medida do possível.

O laço afectivo que une a criança à mãe, principalmente durante os três primeiros anos, deve ser harmónico, constante, e caloroso, para se conseguir o equilíbrio do seu delicadíssimo sistema nervoso, e obter, sem choques demasiado emotivos, o desenvolvimento normal das suas faculdades.

Os estados depressivos, o rancor, o ciúme e outras perturbações emocionais, podem alojar-se na alma da criança devido à severidade demasiada dos pais e educadores, ou então a indifferença e abandono da mãe, podendo produzir sérios transtornos físicos e psíquicos.

Muitas anomalias de con-

duta, como fugas, furtos e outros actos de delinquência juvenil podem ter origem nestes sentimentos adquiridos na infância.

Ao terminar o seu notável trabalho foi a Senhora D. Maria Irene Faria do Vale muito aplaudida e cumprimentada.

É OU NÃO É UMA QUESTÃO PESSOAL?

Sim, é mesmo uma questão pessoalíssima. É a mais pessoal de todas as questões. É só resolvida entre cada um e Deus, na hora da morte e no dia do juízo universal.

Sim, a Religião é uma questão pessoal que cada um de nós tem de resolver. Ela dá a dimensão espiritual de quem a vive e pratica.

Há por aí um «refrain» que propala mais ou menos isto: — «Ninguém tem nada que ver com a minha religião; eu próprio não tenho compromissos com nenhuma».

Pois bem, a doutrina de tal «refrain» vem dizer que nada há de objectivo na Religião, e, portanto *todas as religiões são boas... todas servem...*

Claro, atalhando já a direita, responderíamos que «todas são boas e todas servem»... a quem nenhuma pratica. Mas afinquemos

A Onu está em cheque.

A sua actuação no Congo de Belga redundou num verdadeiro fracasso. Começa a desenhar-se o seu descalabro clamoroso.

Enquanto os senhores absolutos de Kremelín vão estudando os seus tentáculos, calculadamente, persistentemente, os ocidentais limitam-se a arrebatar as orelhas, a fazer alar-

Carta de Ruivães

de das suas invenções bélicas, mas não saem da concha, esquecendo-se de que quanto mais se acocorarem, mais se desprestigiam.

O que se vem passando com o nosso império ultramarino é exemplo bem frisante a confirmar a triste realidade dos factos.

Posta à votação o caso das nossas províncias ultramarinas, os que mais obrigação tinham de se bater ao nosso lado, meteram-se em copas, não tendo a coragem moral de cerrar fileiras ao lado do velho mas honrado Portugal, que nunca deixou de mostrar a cara, com desassombro, quando chamado a dizer da sua justiça.

Isto de se pretender agradar a Deus e ao diabo foi chão que deu uvas.

Ou os ocidentais se unem com desassombro e caminham para a frente, ou se estatelam.

Cada palmo do continente africano devia ser disputado prudentemente, é certo, mas com energia hercúlia, e no campo para que nos arrastassem. A Rússia não quer a guerra, porque sabe bem que esta lhe traria o desmoronamento das suas tiránicas doutrinas.

Mas se não deseja a guerra armada, tem posto em acção permanente a guerra fria, essa guerra maldita que satura a paciência e desgasta as energias.

Ela arranja tumores de supuração, aqui e além, que lhe dão prestígio e autoridade, porque tem sabido arrebatar para si todos os trunfos, deixando os ocidentais as cartas em branco.

Já são horas de estes acordos

Continua na 3.ª página

Continua na 5.ª página

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

Castro, 2.º senhor de S. Martinho do Conde e de muitas fazendas no termo da vila de Guimarães, por seus pais era senhor de Mantelães; da casa de Fornelos por seu pai D. Pedro Fernandes de Castro, da Guerra; e da de Valadares por sua mãe D. Aldonça, neta de D. Inês de Castro, 2.ª mulher de D. Pedro I, etc.

Os de Araújo foram senhores do castelo de Sinde na Galiza, e de Sinde em Portugal.

Paio Rodrigues de Araújo foi senhor de Araújo, Lobios e de outras jurisdições e castelos. Teve sepultura e sumptuoso enterramento no mosteiro de Cella-Nova (Galiza).

Do matrimónio de Álvaro Rodrigues de Mogueimes Cadorniga com Beatriz Velho de Araújo, irmã do anterior, foram filhos Nuno Álvares de Araújo que se envolveu, com seus irmãos nas guerras civis da Galiza, em tempo dos Reis Católicos, seguindo a *Excelente Senhora* (filha de Henrique IV de Castela e de D. Joana, irmã de D. Afonso V, de quem era sobrinha e que desposou, fazendo valer seus direitos ao trono de Castela, o que deu ocasião à batalha do Toro; fora antes conhecida por *Beltraneja* por atribuir-se a sua paternidade a Beltran de la Cueva; acabou dramaticamente em simples freira de Santa Clara) dispersaram-se os ditos irmãos por várias partes, e Nuno Álvares de Araújo, com Rodrigo Álvares de Mogueimes para a vila de Ponte de Lima, de que o primeiro foi alcaide-mór, por mercê de D. Afonso V, que sempre favoreceu estes fidalgos pelos serviços que lhe prestaram na dita guerra, e porque haviam perdido suas terras, por haverem-no feito, as quais passaram para os condes de Monte-Rei.

Uma notícia curiosa acerca da toponímia bracarense: «Diogo Roiz de Mogueimes foi alcaide-mór de Guimarães e está sepultado no mosteiro de Paderne, e Guiomar Roiz de Mogueimes e Fernando

Roiz de Araújo, cónego de Braga, do qual há memória em uma escritura de Doação que fez ao Cabido daquela cidade, em data de 28 de Abril de 1489, de umas casas nela, onde chamam *Conegas* que por ser propriedades dos conegos lhe deram este nome. Todos estes foram tios de D. Leonor Fajardo e Mogueimes, quarta avó do marquês de Montebelo.

E um anexo a este tomo III, logo ao princípio, diz nele, à margem: «Diogo de Mendonça, filho de João de Mendonça, passou à Índia no ano de 1608, com o conde da Feira; serviu naquelas partes nos governos do Arcebispo D. Aleixo de Menezes, André Furtado de Mendonça, Rui Lourenço de Távora, e D. Jerónimo de Azevedo, em cujo vice-reinado, no ano de 1615 se achou no cerco de Malaca, por capitão-mór da gente do presidio, donde saiu de uma vez com seis gabotas, cinco gálias e sete bandins em demanda da armada inimiga e à vista dela, que era mais poderosa, junto ao Rio Formoso, que é no Estreito de Saboá, levado de seu esforço quisera investir com ela contra tão desigual partido, se os capitães de seus navios lho não têm defendido com muitos protestos, representando-lhe o perigo em que o metia a todos, o que o obrigou a desistir da empresa, até chegarem outros galeões que esperava.

Continua com citações de actos heróicos de Diogo de Mendonça expressas na *Asia Port.* tomo 3, parte, 3 cap. 5.º na *Guerra Brasileira*, livro 2.º e no *Elogio dos Reis de Portugal* em que se tratam as acções do mesmo como governador do Estado do Brasil na guerra contra os Holandeses, em 1624.

* * *

O tomo IV trata da mãe, D. Margarida Machado, que nasceu em 1557, casou em 1594 com Manuel de Araújo Sousa e Castro, morreu a 23 de Fevereiro de 1635, e foram os pais do 1.º marquês; até ao 5.º avô do mesmo.

Da desventurada D. Maria da Silva, diz que «a memória da sua inocência repetiu-a o padre Pimenta da C.J., pregando em Braga»

(CONTINUA)